

A SÉRIE “ONE DAY AT A TIME” (2017): MO(VI)MENTOS DE TRADUÇÃO, SILÊNCIO E LUTA FEMINISTA

Karine Rios de Oliveira Leite¹
Thiago André Rodrigues Leite²

Resumo: O compromisso com o pensamento feminista tem promovido o surgimento de várias produções artísticas que se dedicam a (ou permitem problematizar) importantes pautas sobre as mulheres, como a série “One day at a time” (2017). Nessa série, a luta feminista pode ser problematizada, por exemplo, a partir de dizeres (não) feministas (re)produzidos na e pela própria série, originalmente em língua inglesa, traduzida para outras línguas, entre elas a língua portuguesa. Assim, neste artigo, objetivamos analisar e compreender possíveis efeitos de sentido decorrentes de mo(vi)mentos de tradução que parecem (re)velar a luta feminista. Envolvendo o estudo de possíveis efeitos de sentido a partir de mo(vi)mentos de tradução, temos, como grande aporte teórico para uma abordagem reflexiva acerca da tradução, a Análise de Discurso, pensando especialmente as noções de “silêncio” e “silenciamento” cunhadas por Orlandi (2007 e 2008). Essas noções permitem-nos problematizar efeitos de sentido na relação com sentidos (não) excluídos que parecem (des)velar a luta feminista.

Palavras-chave: “One day at a time”, tradução, silêncio e silenciamento, discurso, feminismo.

THE SERIES "ONE DAY AT A TIME" (2017): TRANSLATION MO(VE)MENTS, SILENCE AND FEMINIST STRUGGLE

Abstract: The commitment with the feminist thought has promoted the emergence of many artistic productions that are dedicated to (or allow to problematize) important issues about the women, like the series “One day at a time” (2017). In this series, the feminist struggle can be problematized, for example, from (no) feminist sayings (re)produced in and by the series itself, originally in English, translated into other languages, including Portuguese. Therefore, in this article, we aim at analyzing and understanding possible meaning effects from translation mo(ve)ments that seem to (un)veil the feminist struggle. Involving the study of possible meaning effects from translation mo(ve)ments, we are based on the Discourse Analysis, especially on the notions of “silence” and “silencing” developed by Orlandi (2007 and 2008), thinking about a reflective approach on the translation. These notions allow us to problematize meaning effects in the relation with (no) excluded meanings that seem to (un)veil the feminist struggle.

Keywords: “One day at a time”, translation, silence and silencing, discourse, feminism.

1. Introdução

O feminismo tem ajudado as mulheres a atuarem no mercado de trabalho, a terem formação acadêmica, a adquirirem independência em relação ao próprio corpo, entre outras

1 Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Jataí. E-mail: karine.leite@ifg.edu.br

2 Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Jataí. E-mail: thiago.leite@ifg.edu.br

conquistas. A despeito disso, ainda sofrem diversas formas de violências, contra as quais lutam e resistem. Assim, conforme hooks (2019, p. 25), “o pilar da futura luta feminista tem de assentar solidamente no reconhecimento da necessidade de erradicação da base cultural subjacente e das causas do sexismo e de outras formas de opressão dos grupos”, como o patriarcalismo. O compromisso com a luta, a resistência e a difusão do pensamento feminista tem promovido o surgimento de várias produções artísticas que se dedicam a (ou permitem problematizar) importantes pautas sobre as mulheres, como a série “One day at a time” (2017), que pode ser traduzida por “Um dia de cada vez”.

Disponível, majoritariamente, na plataforma de *streaming* Netflix, a série “One day at a time” é uma nova versão, lançada em 2017, da série homônima, a qual durou de 1975 a 1984. Conforme o *site* da Netflix, “na nova versão do clássico da TV sobre uma família de imigrantes cubanos, a mãe recém-divorciada e a avó careta criam uma adolescente e um pré-adolescente”. Em outras palavras, ainda segundo o mesmo *site*, “na nova versão deste clássico da TV, uma mãe latina recém-divorciada cria sua filha adolescente e seu filho caçula com uma ‘mãozinha’ da avó, mais apegada às tradições”.

No *remake* em questão, há personagens integrantes de uma família cubana que representam três gerações de mulheres: a avó conservadora (Lydia), a mãe solo (Penelope) e a jovem feminista (Elena). Assim, nesse contexto de relações familiares, surgem tensões decorrentes da manutenção das (ou do confronto com as) experiências vivenciadas por essas mulheres, o que nos remete ao pensamento de que, durante a década de 1970, por exemplo, “novas experiências cotidianas entraram em conflito com o padrão tradicional de valores nas relações familiares, sobretudo por seu caráter autoritário e patriarcal” (SARTI, 2004, p. 39).

Na série “One day at a time” (2017), podemos perceber essas novas experiências sendo vivenciadas diretamente pela personagem Elena, uma adolescente feminista e lésbica que se opõe contundentemente a certas tradições de cunho patriarcal, como certos padrões de beleza e vestimenta. Já a sua avó conservadora Lydia procura manter comportamentos no que se refere à “naturalização” do “ser mulher” e de tradições da cultura cubana, embora, no decorrer da série, seja afetada pelos pensamentos e atitudes de Elena. No entremeio, Penelope, mãe de Elena e do pré-adolescente Alex, os quais ela cria sem a ajuda paterna, enfrenta o embate entre a reprodução do “ser mulher” aprendido socialmente e, sobretudo, com a mãe, e seu desejo talvez de mostrar à sociedade que consegue viver sem a dependência de um homem, alinhando-se a compreensões feministas aprendidas, especialmente, com a filha.

Na série em tela, a luta feminista pode ser problematizada, por exemplo, a partir de dizeres (não) feministas (re)produzidos na e pela própria série, originalmente em língua

inglesa, traduzida para outras línguas, entre elas a língua portuguesa. Assim, neste artigo, objetivamos analisar e compreender possíveis efeitos de sentido decorrentes de mo(vi)mentos de tradução que parecem (re)velar a luta feminista. É imprescindível destacarmos que concebemos o termo “mo(vi)mentos” referindo-se a “momentos”, correspondente às situações discursivas em que os dizeres emergem; e também a “movimentos”, aplicando-se tanto à passagem de dizeres de uma língua para outra quanto à análise discursiva de possíveis efeitos de sentido a partir das duas línguas em jogo: língua inglesa e língua portuguesa. Essa análise diz respeito a gestos de interpretação e produção de efeitos de sentido (não) silenciados.

Nessa perspectiva, envolvendo o estudo de possíveis efeitos de sentido a partir de mo(vi)mentos de tradução, temos, como grande aporte teórico para uma abordagem reflexiva acerca da tradução, a Análise de Discurso, pensando especialmente as noções de “silêncio” e “silenciamento” cunhadas por Orlandi (2007 e 2008). Essas noções permitem-nos problematizar efeitos de sentido na relação com sentidos (não) excluídos que parecem (des)velar a luta feminista.

2. Mo(vi)mentos de tradução: silêncio e silenciamento

Partimos do pressuposto de que o discurso, em Análise de Discurso, é da ordem de uma inquietude fundante, configurando-se como efeitos de sentido entre (inter)locutores. Conforme Mittmann (2022, p. 45), “os sentidos deslizam entre as formações discursivas, pousam provisoriamente em uma ou outra, levando ao efeito de evidência, mas nenhuma formação discursiva é ‘proprietária’ do sentido”. Isso significa que analisamos possíveis efeitos de sentido, fazendo parte do nosso método de investigação imprimirmos um olhar discursivo para possíveis contradições discursivas em mo(vi)mentos de tradução da série “One day at a time” (2017). Segundo Orlandi (1986, p. 117), “faz parte da própria metodologia discursiva levar-se em conta a contradição, a fragmentariedade e a heterogeneidade de seu objeto específico”, o discurso, que tem como base de manifestação a própria linguagem. Vale destacarmos que há sempre “restos” nas produções de linguagem, a qual é estruturada/atravessada pelo silêncio e pelo silenciamento (política do silêncio).

Por isso, distinguimos entre: a) o silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar; e b) a política do silêncio, que se subdivide em: b 1) silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente as “outras” palavras); e b 2) o silêncio local, que se refere à censura propriamente (àquilo que é

proibido dizer em uma certa conjuntura). Isso tudo nos faz compreender que estar no sentido com palavras e estar no sentido em silêncio são modos absolutamente diferentes entre si. E isso faz parte da nossa forma de significar, de nos relacionarmos com o mundo, com as coisas e com as pessoas (ORLANDI, 2007, p. 24).

Por um lado, o silêncio fundador é a condição imprescindível (o princípio) para o significar, no sentido de que não haveria significação caso não houvesse silêncio (este é necessário àquela), garantindo que os sentidos e os sujeitos se movimentem na linguagem. Por outro, o silenciamento (política do silêncio), que se subdivide em “silêncio constitutivo” e “silêncio local”, diz respeito à “escolha” lexical, o que (não) dizer, por que (não) dizer e o que está envolvido ao (não) dizer. O silêncio constitutivo indicia a exclusão de sentidos não desejados numa dada situação discursiva, o que acontece também quando há o silêncio local, o qual indicia ainda que há censura em jogo. Em suma, toda e qualquer produção de linguagem ocorre a partir do silêncio fundador e do silenciamento, estando ambos inseparáveis.

Interessa-nos o silêncio fundador para pensarmos a tradução. Isso porque lidamos, inevitavelmente, com o silêncio fundador da língua de origem (português brasileiro), mas também com o da outra língua (inglês americano) nos mo(vi)mentos de tradução. De acordo com Derrida (2000), traduzir é tentar levar da língua alvo da tradução para a língua de origem aquilo que se configura como relevante. “Uma tradução relevante é tida, com ou sem razão, como a melhor tradução possível” (DERRIDA, 2000, p. 23). Isso permite pensar que não há tradução plena de uma língua para outra, pois toda e qualquer língua é singular e, portanto, (re)corta o silêncio fundante diferentemente; e só é possível traduzir porque há silêncios (fundante e constitutivo) em jogo, o que possibilita condições para os mo(vi)mentos de tradução. Ao traduzir de um modo, apagam-se outras possibilidades de tradução, bem como, ao não traduzir de uma maneira, excluem-se sentidos indesejados. Assim, entendemos que a presença material da palavra traduzida e a ausência material, porém latente, da palavra não traduzida, silenciada, excluída, pode (des)velar, em termos de efeitos de sentido, dada a situação discursiva, a luta feminista, conforme detalhamos aqui posteriormente.

Para este texto, interessa-nos, em específico, o silenciamento em sua dimensão constitutiva. Conforme Orlandi (2008, p. 40, grifo da autora), “o silenciamento (política do silêncio) que é a prática de processos de significação pelos quais ao dizer algo *apagamos* outros sentidos possíveis mas indesejáveis em uma situação discursiva dada”. A dimensão constitutiva do silenciamento aponta que o dizer implica o não-dizer, o apagamento do dizer, tendo relação com a situação discursiva.

A Análise de Discurso permite-nos perguntar o que uma dada palavra pode produzir, em termos de efeitos de sentido, na relação com outras palavras, em um determinado momento discursivo (situação discursiva). Portanto, ao se realizar a “escolha” de uma determinada tradução, de uma determinada “escolha” lexical, em detrimento de outra tradução, de outro léxico, há uma relação (outra) com o silêncio fundante, pois “o silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo de modo fugaz. Ele escorre por entre a trama das falas” (ORLANDI, 2007, p. 32). Já o silêncio constitutivo permite ser visualizado e vislumbrado a partir de efeitos de sentido analisados e construídos, uma vez que a presença e a ausência materiais nos mo(vi)mentos de tradução indiciam certos efeitos em detrimento de outros, marcando uma política no modo como são formulados os sentidos.

Tratando-se dos mo(vi)mentos de tradução relacionados à série “One day at a time” (2017), como parecem (re)velar a luta feminista? Nesses mo(vi)mentos, parece haver o (não) apagamento de especificidades caras ao feminismo e à sua luta³. Assim, tanto a presença quanto a ausência de certas traduções configuram-se como elemento e mecanismo discursivo de nossa análise.

3. A série “One day at a time” (2017): (re)velando a luta feminista

Segundo Flotow (2022, p. 62), “a tradução, como qualquer atividade criadora, é marcada e determinada pelos movimentos sociais, bem como pela política do seu tempo”, e o feminismo é, segundo a autora, um “movimento social das últimas décadas do século XX” que influenciou a área da Tradução, sendo esta uma espécie de catalisador ao expor o aspecto heterogêneo das ideias feministas. Sob o viés de Mittmann (2022, p. 46), é possível compreendermos que, por se entrecruzarem as formações discursivas, a formação discursiva tradutória encontra saberes feministas e formações discursivas feministas, projetando “posição sujeito que reverbera alguns saberes da forma sujeito da formação discursiva tradutória, mas também entra em atrito com outros, pois há mudança de certos paradigmas”. Nesse sentido, emerge a “tradução militante feminista”, a qual decorre, conforme essa autora, do entrecruzamento entre formação discursiva de militância feminista e formação discursiva tradutória.

3 A despeito da existência da diversidade de movimentos feministas, por não ser essa diversidade o foco do estudo ora empreendido, adotamos o termo “feminismo” em sua acepção generalizante, atendo-nos, para isso, à definição clássica de hooks (2018, p. 17), para quem, “dito de maneira simples, feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão”.

Analizando os mo(vi)mentos de tradução (re)velando a luta feminista em uma perspectiva de entrecruzamento entre formação discursiva feminista e formação discursiva patriarcal, destacamos a série “One day at a time” (2017), a qual é uma série no formato *sitcom* (abreviação de *situation comedy*), centrado em um pequeno grupo de personagens que se encontram praticamente nos mesmos locais para solucionarem questões cômicas. Para este artigo, focamos os dois primeiros episódios da primeira temporada, já que dialogam com a luta feminista, apresentando certo tom cômico, conforme problematizamos aqui em nossa análise.

No primeiro episódio da primeira temporada, “Chegou a hora”, quando Lydia, mãe de Penelope, aparece pela primeira vez, afirma não gostar mais de sua neta Elena, posto que esta não anseia mais fazer a tradicional *quinceañeras* (termo este que emerge na série e se refere a festas realizadas para meninas que estão completando 15 anos de idade). E Penelope diz já ter reservado até um salão para o evento, mas Elena menciona ter pesquisado a história das *quinceañeras* e descoberto que são misóginas. Lydia ressalta que Elena está lendo novamente e questiona Penelope sobre essa permissão de leitura, enfatizando, ainda, que, dessa forma, sua neta não faria jus à sua herança cubana. Contudo, a jovem feminista diz que está se livrando da parte ruim dessa herança, pois não deseja desfilar para homens e ser vista como uma espécie de propriedade a ser negociada. Penelope pede a sua filha que se tranquilize, visto que será apenas uma festa divertida; mesmo assim, a adolescente não quer que a comemoração aconteça.

Em outro momento do episódio, o pré-adolescente Alex, filho de Penelope, tenta enganá-la ao comprar cinco pares de tênis, pois ela permitira a ele que comprasse apenas um par. O menino argumentou que não havia comprado nenhum par, porque os usaria sem sujar e devolveria, porém sua mãe considerou que ele a desobedeceu, e que agora, além de não poder comprar nenhum par de tênis, teria de ficar com o par de tênis velho de sua irmã Elena, descrito como “o [par] que brilha”, “com as princesas multiculturais”, de cor rosa. Penelope afirma: “Lucky for you, she never wore them cause they were too *gender-specific*. She did like that they were diverse” (grifos nossos). Tais dizeres foram traduzidos, na série, da seguinte maneira: “Sorte sua que ela nunca usou por ser muito *de menininha*. Mas gostou da diversidade nele” (grifos nossos). Nesse mo(vi)mento de tradução, havia a possibilidade de a expressão “gender-specific” ter sido traduzida por “gênero específico”, o que, talvez, fosse o esperado, porque é uma expressão, de certa forma, cognata, embora cognatos possam não garantir “traduções relevantes”.

No entanto, “gender-specific” foi traduzido pela expressão “de menininha”, que produz

um possível efeito de sentido machista e sexista, uma vez que, em nossa cultura brasileira, dizer que algo é “de menininha” tende a significar que não seria para “homem”, o que reforça as formações discursivas patriarcais e, conseqüentemente, o próprio sistema patriarcado⁴, além de o diminutivo na palavra “menininha” poder produzir efeito de sentido de inferiorização daquilo que é “de menina”. Assim, essa expressão produz um possível efeito de sentido de que homem “de verdade” não pode usar nada “de menininha”, velando indícios da luta feminista.

Dessa maneira, o silenciamento da expressão “gênero específico” aponta a exclusão de um sentido indesejado, pois dizer que um produto é “de menininha” parece desmerecer e/ou ridicularizar quem é mulher, colocando-a como inferior. Em todo caso, a exclusão de certa tradução não significa que um determinado sentido esperado não compareça, que não esteja em latência. Na verdade, “o sentido não para; ele muda de caminho” (ORLANDI, 2007, p. 13), ou melhor, “eles [os sentidos] podem chegar de qualquer lugar e eles se movem e se desdobram em outros sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 24), de sorte que a tradução “gênero específico”, mesmo tendo sido apagada, comparece e revela a luta feminista, por exemplo, contra a opressão sexista, já que evidencia a “naturalização” historicamente construída de que haveria uma separação daquilo que seria somente para menino e daquilo que seria somente para menina. A tradução “gênero específico” combate a linguagem patriarcal por manter sentidos vinculados a uma formação discursiva feminista ao passo que a tradução “de menininha” vincula-se a uma formação discursiva patriarcal. Segundo Mittmann (2022, p. 49), “há confrontos entre formações discursivas (sobretudo em relação à formação discursiva patriarcal), que constituem o próprio discurso da tradução feminista”.

Na perspectiva da luta feminista aliada à tradução, segundo Flotow (1991, p. 70, traduções nossas), “o contexto, as práticas e as teorias subjacentes tornam a tradução feminista (...) aceitável e até desejável”⁵, sendo esse tipo de tradução compreendido como “uma abordagem antitradicional, agressiva e criativa para a tradução”⁶. Para a autora, a tradução feminista apresenta “(...) crescente visibilidade intrigante e potencialmente revigorante como uma nova abordagem ao trabalho de tradução”⁷ e que parece ter se

4 Minimamente, a partir de Lerner (2019), entendemos que o patriarcado seria um sistema historicamente consolidado de opressão, principalmente, sobre as mulheres, sendo, a nosso ver, “endossado” pelo sexismo e pelo machismo. Isso porque compreendemos que o sexismo produz uma espécie de “naturalização” do “ser mulher”, e o machismo envolve crenças e práticas sociais que reforçam culturalmente o poder conferido aos homens, relacionando-se a preconceitos contra as mulheres.

5 No original: “the context, the practices and the underlying theories that make the feminist translation (...) acceptable, even desirable”.

6 No original: “an anti-traditional, aggressive and creative approach to translation”.

7 No original: “(...) increasing visibility intriguing, and potentially invigorating as a new approach to the work of

desenvolvido “como um método de traduzir o foco e a crítica da ‘linguagem patriarcal’ (...) para atacar, desconstruir ou simplesmente evitar a linguagem convencional que se percebe como inerentemente misógina”⁸. A própria “escolha” lexical, nos mo(vi)mentos de tradução, aponta a tentativa de (des)construção da linguagem patriarcal, ou melhor, do próprio sistema patriarcado. Nesse sentido, é imprescindível ressaltarmos que

o uso de patriarcado enquanto um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres permite visualizar que a dominação não está presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, ou na mídia ou na política. O patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais (MORGANTE; NADER, 2014, p. 3).

A partir dessa citação, concebemos que o patriarcalismo se reflete na própria linguagem e em diversas instâncias do cotidiano, havendo, muitas vezes, tentativas de resistência a esse funcionamento social, o que nos permite destacar o fim do episódio “Chegou a hora”, mais especificamente quando Penelope, ao entender a questão da misoginia, diz que Elena não precisa mais aceitar sua festa de quinze anos. Segundo Penelope, casava-se a filha para que ela tivesse uma espécie de “dono” e não fosse mais estuprada; os estupros eram comuns. Elena, surpresa, afirma que não sabia que sua mãe era tão feminista! Penelope percebe que, em seu caso, realizar a festa de quinze anos de sua filha seria para as pessoas notarem que, a despeito de ser mãe solo, consegue, em seus próprios dizeres, fazer “tudo sozinha”. Diante dessa revelação da mãe, a jovem feminista diz que fará a festa, pois o que queria era um bom motivo para isso, e sua mãe lhe deu essa razão.

No segundo episódio da primeira temporada, “Machistas, maquiagens e afins”, Penelope diz para sua família (Alex, Elena e Lydia) que não pode se atrasar, devido a uma reunião importante no trabalho, e espera poder falar sem ser interrompida pelo colega Scott, o qual ela acha ser um “palhaço”. Mais tarde, em casa, após considerar que teve um dia ruim, posto que foi, de fato, interrompida por Scott, Penelope conversa com sua família e com Schneider, o dono do prédio onde vivem. Nos recortes abaixo, esse diálogo está descrito na íntegra, tanto em inglês quanto na tradução dada em português.

(I)

translation”.

⁸ No original: “as a method of translating the focus on and critique of ‘patriarchal language’” (...) “to attack, deconstruct, or simply bypass the conventional language they perceived as inherently misogynist”.

Penelope: You know, like today, I barely got a word in before *el bobo* started interrupting me, talking over me, I couldn't even get my point across.

Elena: Well, that's just *sexist*.

Penelope: No. He's not smacking me on the ass and going, "*Oye, mamita!*".

Lydia: Oh, that makes me miss your *abuelo*.

Penelope: You wanna see *real sexism*? Be a woman in the Army, okay? You got a 22-year-old white boy from South Carolina marching behind you going, "Is it hot out here or is it you?". Of course, it was hot out there. It was a freaking desert. (grifos nossos)

(II)

Penelope: Hoje, por exemplo, mal pude dizer uma palavra, antes que o *pendejo* me interrompesse, me atropelasse. Não pude expor minhas ideias.

Elena: Isso é *machismo*.

Penelope: Ele não pega na minha bunda e diz: "*Oye, mamita!*".

Lydia: Isso me dá saudade de seu *abuelo*.

Penelope: Quer ver *machismo de verdade*? Seja mulher no Exército. Tenha um garoto branco, de 22 anos, da Carolina do Sul, marchando atrás de você e dizendo: "Está calor aqui ou é você?". Claro que fazia calor lá. Era um deserto. (grifos nossos)

No recorte II, diante da tradução de "sexist" e "real sexism" por "machismo" e "machismo de verdade", pensamos, juntamente a Orlandi (2007, p. 14), que "as palavras são cheias de sentidos a não dizer e, além disso, colocamos no silêncio muitas delas". Isso porque, por um lado, há o que resta em termos de possibilidades de efeitos de sentido, devido ao silêncio fundante, do qual existem apenas "flashes", uma vez que "é por fissuras, rupturas, falhas, que ele [o silêncio] se mostra, fugazmente (...)" (ORLANDI, 2007, p. 46). Por outro, no mo(vi)mento de tradução, ao não se traduzir certa palavra de um modo, isso significa que ela foi silenciada, que foi colocada em silêncio, devido a sentidos indesejados que poderia provocar. Assim, o silenciamento de palavra parece produzir "pistas" do silêncio fundador ao acirrar que certa tradução "esperada" não emerge em uma dada situação discursiva.

Quando atentamos para o silêncio, tematizando razões "constitutivas", fazemos o percurso da relação silêncio/linguagem e estamos no domínio do silêncio fundante. Quando circulamos pelas razões políticas, trabalhamos a dimensão do silenciamento na "formulação" dos sentidos (ORLANDI, 2007, p. 54).

Nessa perspectiva, o modo como "sexist" e "real sexism" foram traduzidos parece apagar sentidos relacionados a uma incompreensão de Penelope a respeito da noção de "sexismo", associando-o a certa conotação sexual, visto que as situações citadas para exemplificar "sexism" envolvem sexualização, objetificação do corpo da mulher: "He's not smacking me on the ass" (Ele não pega na minha bunda) e "Is it hot out here or is it you?"

(Está calor [quente] aqui ou é você?). Embora tenha sido silenciada a palavra “sexismo”, esta, na incompreensão de Penelope, “retorna à cena”, pois essa personagem relaciona tal palavra à ideia de “sexo”. A incompreensão de Penelope parece ser acirrada quando adjetiva o termo “sexism”. Logo, ela saberia o que é o “sexismo de verdade”, significando que aquilo que a filha disse não seria, demonstrando desconhecimento e, conseqüentemente, podendo provocar efeito de humor. Cabe destacarmos que a comicidade não parece estar apartada do caráter patriarcalista, sexista e machista da sociedade.

O apagamento da tradução “sexismo” aponta razões políticas, de direcionamento de sentidos, ao indiciar uma compreensão reducionista da palavra, tomando “sexismo” por “machismo”, que tem, na língua inglesa, a expressão “male chauvinism” como tradução esperada. Dada a situação discursiva, era esperada, a nosso ver, a palavra “sexismo” como tradução, pois é cognata de “sexism”. Assim, a tradução por “machismo” vela a compreensão de Elena acerca da palavra “sexismo”, velando também a luta feminista, a qual consegue, muitas vezes, perceber sutilezas de comportamento de opressão sexista contra a mulher. Bourdieu (1995, p. 145) afirma que

o sexismo é um essencialismo. Como o racismo, de etnia ou de classe, ele visa imputar diferenças sociais historicamente instituídas a uma natureza biológica funcionando como uma essência de onde se deduzem implacavelmente todos os atos da existência. E dentre todas as formas de essencialismo, ele é sem dúvida o mais difícil de se desenraizar.

O mo(vi)mento de tradução da palavra “sexist” por “machismo” e da expressão “real sexism” por “machismo de verdade” apaga sentidos indesejáveis, mas que comparecem pela via do silêncio constitutivo, revelando a luta feminista. Esse apagamento pode ser interpretado como efeito do funcionamento da sociedade e da linguagem patriarcais e sexistas, pois, apesar de silenciarem, não “calam” possíveis efeitos de sentido que o termo “sexismo” permite produzir, como o fato de que violências sofridas pelas mulheres decorrem exatamente por serem mulheres, corroborando as diferenças sociais mencionadas na citação acima.

Nessa linha de raciocínio, em vez de comparecerem, na tradução, sentidos de uma formação discursiva feminista que emergem nos dizeres da série, aparecem, de certo modo, sentidos de uma formação discursiva patriarcal. Melhor dizendo, junto a sentidos da formação discursiva feminista comparecem sentidos da formação discursiva patriarcal, já que o silenciamento na tradução “sexismo” apaga especificidades de conceitos caros ao feminismo, diminuindo e deslegitimando sua luta.

Empregar “machismo” silenciando “sexismo” apaga a densidade da luta feminista, para

além da visão reducionista de combate ao machismo. Trata-se de um endosso ao desconhecimento (ou desprezo) acerca do feminismo. Minimamente, segundo hooks (2019, p. 21), “o feminismo é uma luta pelo fim da opressão sexista”, o que não significa que seja anti-homem, inimigo do homem. A opressão sexista, entre outras questões, diz respeito à discriminação envolvida na sistemática, estrutural e institucionalizada violência da e na negação de “lugar de fala”.

Discorrendo sobre “lugar de fala”, Ribeiro (2017, p. 69) afirma que, “ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva”. Em outras palavras, seria um movimento que entra em confronto com discursos arraigados na cultura tradicional. Assim, “pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta” (RIBEIRO, 2017, p. 50-51), de modo que, por exemplo, a fala interrompida de Penelope por um colega de trabalho mostra um modo de violência perpetuado pela sociedade patriarcal e sexista.

Na sequência da conversa da família e com Schneider, o diálogo a seguir foi copiado na íntegra também, tanto em inglês quanto na tradução em português.

(III)

Elena: Mom, I'm not talking about *old people sexism*.

Penelope: Okay.

Elena: It's much more subtle now. Men assert their power through microaggressions and mansplaning.

Lydia: Oh, mansplaning. Is that like manscapling? I just learned that and I love it.

Elena: No, mansplaning is when a...

Schneider: It's when a man explains something to a woman that she already knows, but he acts like he's teaching her. Does that make sense? What? I was just explaining what mansplaning... Oh, wow!

(IV)

Elena: Mãe, não estou falando do *machismo dos antigos*.

Penelope: Sei.

Elena: É muito mais sutil agora. Os homens impõem seu poder através de microagressões e *mansplaning*.

Lydia: *Mansplaning*. É aquela nova depilação masculina? Isso é uma novidade que adoro.

Elena: Não, é quando um...

Schneider: Quando um homem explica algo a uma mulher que ela já sabe, mas ele age como se ensinasse. Faz algum sentido? Que foi? Só estava explicando...

Na situação discursiva acima, Elena procura explicar para sua mãe que o “sexismo” pode, muitas vezes, ser sutil, acontecendo quando o homem exerce seu poder, por exemplo, por meio de microagressões. Esse exercício de poder diz respeito à pretensa superioridade do homem sobre a mulher, uma questão decorrente de essencializações promovidas pelo sexismo. Entendemos que uma microagressão pode ocorrer quando um homem interrompe a fala de uma mulher sem que ela tenha terminado o que está falando, o que, em língua inglesa, é denominado de “maninterrupting”, isto é, “man” (homem) e “interrupting” (interrompendo), o homem interrompendo a mulher em situações de diálogo, como o faz Schneider.

Nesse sentido, essa atitude pode ser definida, com base em Ferreira (2022), como um comportamento machista, por envolver discriminação e inferiorização da mulher, mas que concebemos ser reflexo/efeito do sexismo. Compreendemos que “maninterrupting” pode emergir juntamente ao caso de “mansplaning”, ou seja, “man” (homem) e “explaining” (explicando), o homem explicando o óbvio à mulher. Destacamos que, no recorte acima, Schneider realizou, então, “maninterrupting” e, na sequência, “mansplaning”.

Com relação à expressão “old people sexism”, dita por Elena, acreditamos que se refira ao sexismo tradicional, pensando-o na “naturalização” socialmente imposta para os sexos masculino e feminino, de modo que é muito comum, por exemplo, imputar ao sexo feminino a tarefa de cuidar da casa e dos filhos. A expressão “old people sexism” foi traduzida pela expressão “machismo dos antigos”, a qual indicia outros efeitos de sentido se comparada à expressão “sexismo dos antigos” ou “sexismo tradicional”, que, a nosso ver, seria a tradução esperada, devido à presença do cognato “sexism”. Traduzir “sexism” por “machismo” apaga/silencia efeitos de sentido para a diferença histórica construída para a relação entre sexos biológicos e gêneros, reduzindo o sexismo ao machismo.

Nesse mo(vi)mento de tradução, a palavra “machismo” vela novamente, de certa forma, a luta feminista, já que a palavra “sexismo” revela que as mulheres têm enfrentado violências de diversas ordens simplesmente por serem “mulheres”, o que dialoga grandemente com o modo de estrutura da sociedade patriarcal. “Há, pois, uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar mas de fazer dizer ‘uma’ coisa, para não deixar dizer ‘outras’. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Essa é sua dimensão política” (ORLANDI, 2007, p. 53). Esse (re)corte apaga/silencia dizeres e efeitos de sentido, mas não faz “calar” dizeres e efeitos de sentido. Embora a palavra “machismo”, que tem relação com preconceitos praticados socialmente, revele certa luta feminista quando traduzida em dada situação discursiva, vela essa luta quando, no lugar de tal palavra, emerge justamente como tradução esperada a palavra “sexismo”.

Todavia, isso não significa que possíveis efeitos de sentido decorrentes da palavra, em inglês, “sexism” não compareçam. Aliás, comparecem e apontam que a luta feminista tende a ser silenciada em diversas conjunturas, posto que “(...) o movimento feminista não criou uma revolução feminista constante. Não acabou com o patriarcado nem erradicou o sexismo, nem a exploração nem a opressão sexista. E, como consequência, *as conquistas feministas estão sempre em risco*” (hooks, 2019 p. 10, grifos nossos).

4. Considerações finais

O *remake* “One day at a time” (2017) atualiza a série original, o que nos permite pensar que a luta feminista contra o patriarcado e o sexismo, apesar de antiga, é atual e, portanto, sempre necessária. Esse *remake* representa os dias de hoje, cujos vestígios se fazem perceber pela presença das novas tecnologias, como o celular, mas também pelo emprego de neologismos, como *mansplaning*. Por ser uma série de comédia, conjecturamos que a terminologia cara à luta feminista possa não ter tido uma “tradução relevante”, de modo que há o silenciamento no mo(vi)mento de tradução da palavra “sexism” e da expressão “gender-specific”, por exemplo.

O silenciamento de sentidos caros ao feminismo indicia o funcionamento do entrecruzamento com a formação discursiva patriarcal, a constituição de um sujeito-tradutor patriarcal, dada a circulação de sentidos que menosprezam conceitos fundamentais ao feminismo, chegando ao ponto de transformar um dizer contra o sexismo em um dizer sexista. Somados ao silenciamento da crítica ao sexismo, o qual definiria o que seria “de menino” ou “de menina”, há sentidos machistas que se filiam à formação discursiva patriarcal, como o tom pejorativo em relação ao que seria “de menininha”, sinalizado pelo diminutivo.

Dessa maneira, a exclusão das traduções “sexismo” e “gênero específico” produz um “direcionamento político”, expressão esta concebida por Orlandi (2001, p. 34) como “relações de força que se simbolizam, ou em outras palavras, o político reside no fato de que os sentidos têm direções determinadas pela forma da organização social que se impõem a um indivíduo ideologicamente interpelado”. Os mo(vi)mentos de tradução analisados, em suas contradições constitutivas, (re)velam a luta feminista, uma vez que, mesmo com o silenciamento de traduções essenciais que corroboram essa luta, isso não significa que foi “calada”, mas, sim, teve uma direção determinada, o que dialoga com o combate, promovido por traduções militantes feministas, ao funcionamento da sociedade patriarcal e de suas formações discursivas.

As formações discursivas, bem como a memória discursiva, regulam os discursos das demandas em constante conflito. Mas o patriarcado como mecanismo opressor capitalista se mantém como o cerne do que precisa ser combatido. Assim, as contradições não são expostas, nesse discurso [da tradução militante], pela via do conflito, mas do acolhimento (MITTMANN, 2022, p. 50).

Em outras palavras, para a autora, combatendo o cerceamento de sentidos promovido pelo patriarcado, a tradução militante feminista acolhe sentidos extirpados. Decorre disso, a nosso ver, a relevância da reafirmação desse tipo de tradução, contra as opressões do patriarcado, e, por extensão, de uma análise discursiva feminista, que, analisando o silenciamento em sua dimensão constitutiva, preza por direcionar o olhar para os sentidos feministas silenciados. É por uma tradução militante feminista que questionamos o silenciamento na tradução de “sexism” e de “gender-specific”. “A tradução feminista resgata e faz circular o discurso silenciado, negligenciado pelo poder capitalista patriarcal” (MITTMANN, 2022 p. 46). Daí a importância de nós, como analistas de discurso e militantes feministas, não deixarmos de falar do silenciamento de certos sentidos em certas traduções.

Por fim, gostaríamos de dizer que o movimento feminista, a grosso modo, foi marcado por contestar “(...) a tradicional hierarquia de gênero” (SARTI, 2004, p. 37), no sentido de, minimamente, questionar a pretensa superioridade do homem sobre a mulher e, conseqüentemente, o acesso exclusivo dele a certos privilégios. A personagem feminista Elena tem atitudes que corroboram a luta feminista, procurando desconstruir o olhar “naturalizado” produzido pela sociedade patriarcal e sexista. Isso pode ser construído pelos efeitos de sentido possíveis a despeito de silenciamentos dos e nos mo(vi)mentos de tradução na série “One day at a time” (2017).

Referências

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. In: **Educação e Realidade**. v. 20 n. 2, p.133-184. Porto Alegre: 1995 (edição revisada).

DERRIDA, Jacques. O que é uma tradução relevante? Tradução Olivia Niemeyer Santos. In: RODRIGUES, C. C.; SISCAR, M. (org.). **Tradução, desconstrução e pós-modernidade**. Alfa: Revista de Lingüística, São Paulo, v. 44, n. esp., p. 13-44, 2000.

FERREIRA, Lucelena. **Manual Anti-machismo**: como enfrentar agressões de gênero no ambiente profissional. Brasília: Senado Federal, 2022.

FLOTOW, Luise von. **Feminist Translation**: Contexts, Practices and Theories. TTR: traduction, terminologie, rédaction, vol. 4, n. 2, p. 69-84, 1991. Disponível em: <<<https://www.erudit.org/fr/revues/ttr/1991-v4-n2-ttr1475/037094ar>>> Acesso em: 01 out.

2023.

FLOTOW, Luise von. O feminismo na tradução. Tradução de Gilmar Taufer e Patrícia Reuillard. In: **Cadernos de Tradução**, n. 47, p. 62-76, Porto Alegre, 2022.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. SELLERA, Luiza. (Trad.) São Paulo: Cultrix, 2019.

MITTMANN, Solange. A tradução militante feminista e o silêncio. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Campinas, SP, v. 25, n. esp., p. 42-53, 2022.

MORGANTE, Mirela Marin; NADER, Maria Beatriz. O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico. In: **Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio**: saberes e práticas científicas, 2014.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A análise de discurso**: algumas observações. D.E.L.T.A., v. 2, n. 1, p. 105-126, 1986.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes Editores, 2001.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Silêncio e implícito (Produzindo a monofonia). In: GUIMARÃES, Eduardo (org.). **História e sentido na linguagem, incluindo texto de Michel Bréal**. 2. ed. aumentada. Campinas (SP): Editora RG, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, mai./ago., p. 35-50, 2004.

Série

ONE day at a time (seriado). Direção: Norman Lear. Produção: Gloria Calderon Kellett e Mike Royce. Estados Unidos: Sony Pictures Television, 2017. Disponível em: <<<https://www.netflix.com/br/title/80095532>>> Acesso em: 01 out. 2023.

Recebido em: 05/10/2023

Aprovado em: 07/01/2024